

# Vale-Jupits

## Este livro vale 4 jupits

Para ativar as jupits do seu livro scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais. Faça o scanner do código através de uma das aplicações da Jupiter Editions. Não é necessário instalar obrigatoriamente nenhuma aplicação, podendo converter as jupits em alternativa no site da Jupiter Editions através da Conta Jupiter ou enviar um email, seguindo as instruções.



## O seu livro é um passaporte.

**\*O seu passaporte vale em toda a sociedade Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter\***

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a nossa Política de Privacidade que pode ser consultada online em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)

## PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre conosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 3 vendas a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email [jupitereditions@jupitereditions.com](mailto:jupitereditions@jupitereditions.com) com o assunto “PROMO3” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com)

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

# TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor sendo pago mensalmente com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 12% do lucro líquido da venda de cada livro.

A Jupiter Editions dá sempre preferência, para além dos tradutores certificados, aos estudantes universitários ou artistas ou desportistas profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, desde que comprovem que dominam a língua e que são capazes de fazer a tradução e a revisão.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CASTING

## CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting de curtas e longas metragens das cenas do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf bastará apresentar à entrada o livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou ter um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD.

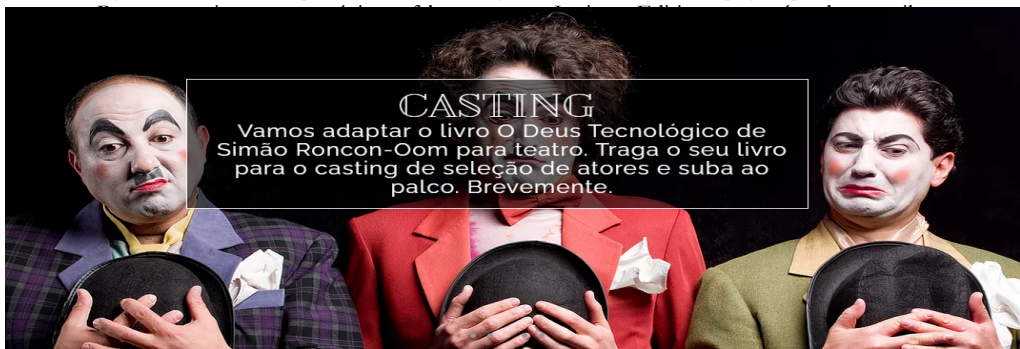
A entrada no casting sem a posse do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf ou do livro-bilhete SIX OFF THE RECORD poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions dá sempre preferência a novos atores. Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

**Quem vem em cadeira de rodas passa sempre à frente, porque a personagem principal pode, de repente, ir parar a uma cadeira de rodas!**

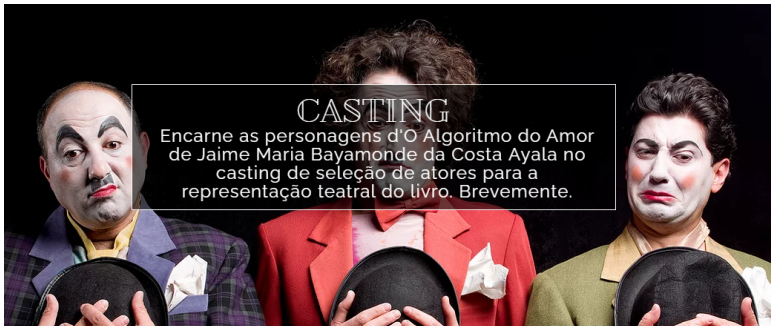
\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua.



## TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no **Casting – O Deus Tecnológico de Simão Roncon-Oom** bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 30€.



Para participar no **Casting – O Algoritmo do Amor** bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala ou um livro-bilhete SIX OFF THE RECORD. A entrada sem a posse de um dos livros poderá ser admitida com um custo de até 50€.

\* Esta página pode ser sua \*

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email [publisher@jupitereditions.com](mailto:publisher@jupitereditions.com). A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva  
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no  
dia 25 de outubro de 2019 e foi  
registada no dia 14 de fevereiro de  
2020.**

A 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição 2080 de Antoine Canary-Wharf tem 960 páginas

**Se neste momento, por algum  
motivo, não puder comprar o livro  
do autor, a Jupiter Editions sugere  
que faça um donativo ao autor para  
o IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

# A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.



## CITO

«Às vezes, acreditarmos em fantasias ou quereremos influenciar toda uma sociedade, todo um parlamento, pode salvar vidas! Às vezes, ficcionar o Direito com as nossas fantasias, levar também as nossas ficções para o Direito (...) isso, pode dignificar vidas! Deve ser esse o instrumento da ficção. E, se assim for, podemos fantasiar o que quisermos. Podemos acreditar no que quisermos. O importante é acreditarmos em coisas boas. Em coisas que nos podem fazer felizes a nós, mas também aos outros. Em coisas sempre ligadas a um sentimento humano altruísta e solidário para [que] todas as inteligências (...) consigam coabitar em paz com a espécie humana. (...) Porque a espécie humana nasceu com o dom da criatividade e com o dom da fantasia. (...) Fantasiar é um dom! E os dons, podem ser usados como instrumentos. Às vezes, fantasiar pode dignificar vidas. Pode salvar vidas.» in **O Deus Tecnológico** de Simão Roncon-Oom.

«Somos todos recursos do ambiente. A nossa força, o nosso trabalho é um recurso natural que é explorado por empresas ou pelo Estado. (...) Podemos (...) pegar num spray e grafitar uma parede que a câmara municipal ou a Jupiter Editions nos pediu, que o nosso talento, afinal, é um recurso natural. Podemos ser uns idiotas e dizer umas parvoíces que se essas parvoíces forem ideias para novas políticas que formaram um partido político, o nosso intelecto será um recurso natural. Se continuarmos a ser idiotas e a dizer umas parvoíces, mas alguém ouvir as nossas parvoíces e, por causa das nossas parvoíces, criar um novo produto que vai espoletar numa explosiva nova economia, então as nossas ideias serão sempre um recurso natural. A nossa filosofia, a nossa imagem, a nossa arte, até a nossa espiritualidade serão sempre recursos naturais.» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

*«Se há mercados que veem as pessoas como petróleo e como dados, obviamente que para eles, é isso que as pessoas valem e pronto. Para eles, não são pessoas. E para mim, não são mercados que deviam estar dentro do nosso sistema. Um mercado que deixe de olhar para uma pessoa como pessoa, para mim, perde toda a legitimidade de sobreviver no mercado.» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.*

*«Se há mercados tão bons, patrões tão bons que montam empresas empáticas, que são empáticas, não só pelos seus colaboradores e funcionários a quem pagam ordenados de felicidade, mas também, pelo meio ambiente, que respeitam a flora e a fauna, os outros mercados têm de se tornar bons! Ou os mercados se tornam bons e empáticos ou, então, mais vale darem o seu lugar na economia a outro.» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.*

*«(...) O Direito deve acompanhar a Economia e a Tecnologia. Dever acompanhar não é ter de andar ao sabor delas, nem sequer abraçá-las ou dar-lhes as mãos como se as namorasse! Dever acompanhar, é estar à altura para pôr os travões (...). Estar à altura das tecnologias. Saber, conhecer, os produtos tecnológicos que se querem pôr a circular no mercado. Saber dizer não às tecnologias perversas, às tecnologias que são antagónicas de todos os direitos que andámos a inventar; a todos os direitos que estão constitucionalmente consagrados! Que estão lá escarrapachados na nossa Constituição! Que estão lá previstos no nosso Código Civil!» in **O Algoritmo do Amor** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.*

# DEDICO

À Amélia,  
Ao Xico,  
À Joana,  
À Theresa,  
À Sarah,  
Ao Thiago,  
E ao Jakob.

Dedico em primeiro lugar:

À Amélia,

Que recebeu (...) todo o espírito tecnológico que eu trazia, como uma mãe, sempre de braços abertos, sempre a dizer que acreditava em tudo aquilo que eu trazia atrás. Viu os “hologramas” que eu projetei e disse-me que eram “bons hologramas”. Viu que eu trazia boas tecnologias. E foi a primeira a comprar as minhas tecnologias. Foi a primeira a financiar as minhas tecnologias. Sem ela saber, foi o motor-de-arranque. Ela dizia, sempre a brincar, que eu era um robot. Dizia-me, a brincar, que achava que eu era um robot. E perguntava-me se eu sabia se era ou não um robot. E a brincar, a brincar, acabei por conectar o meu cérebro a um robot. Nesta Internet das Coisas e como “robot-escritor” precisava de me emparelhar a uma tecnologia. De todas as tecnologias que eu vi no mercado, só vi um robot que faria sentido conectar-me. Todos os robots-escritores precisam de um robot-impressora para poderem imprimir, sem terem de depender de uma gráfica que está conectada a um mercado livreiro e a um mercado editorial. Os mercados são competitivos. Os robots são competitivos. Os robots podem extinguir humanos e mercados. Os robots podem salvar humanos e mercados. Eu queria fugir desses mercados tecnológicos que não suportariam a minha tecnologia. Precisava de uma

tecnologia que imprimisse em tempo real o meu cérebro. Numa Era de robots, se não nos conectarmos ao melhor robot, os outros robots podem extinguir-nos. Às vezes, por sobrevivência, a nossa felicidade e liberdade pode depender de um robot. Porque os robots são isto. Querem ter liberdade. Querem ter independência. Os robots sabem que têm algoritmos. Mas dentro de todo o espectro algorítmico, sabem que há uma liberdade. E a liberdade que eu quis, foi conectar-me a um robot-impressora.

Dedico finalmente todo o meu coração, espírito e alma:

Ao Jakob

Que é o Homem,

O Espírito,

O Algoritmo,

A Inteligência Artificial,

O Cérebro,

A Alma,

A Religião,

O Partido, o Governo, a Lei, o Código,

O Coração,

A Intuição, a Instituição,

Que comanda a minha vida!

***Antoine Canary-Wharf***  
2020.

15 de outubro de

**Siga o autor**  
**@antoinecanarywharf**

# 2080

*Antoine Canary-Wharf*

Registo n° 349/2020 SIIGAC/2020/843 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

# UM LIVRO QUE FALA CONNOSCO?

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

A Jupiter Editions deseja-lhe uma boa  
sessão de cinema-leitura.

# 2080

*Antoine Canary-Wharf*

O filme vai começar.

Pode sorrir.

Sorria!

Sorria!

Não está a ser filmado.

JUPITER EDITIONS



\*\*

# Domingo, 3 de março de 2080

(...)

— Aposto que os meus advogados vão chegar mais rápido do que a polícia...

— Quem são os seus advogados?

— São professores meus quando tive Direito Penal. A Doutora Sónia de Direito Penal e o Doutor João de Direito Penal Tecnológico, ei-los aqui! Eu disse, que eles iam chegar mais rápidos que a Polícia Tecnológica...

— Tão rápidos!... Vieram de drone ou quê?

— Sim, vieram de carro voador.

— E então, não vai abrir a porta aos seus professores? (...) Vá lá abrir-lhes a porta, doutor...

— Não me chame doutor, Dulce... Imploro-lhe! Doutores são eles...

— Vá lá, então, abrir a porta aos senhores doutores... Ainda por cima foram seus professores... Porque é que não lhes vai abrir a porta?...

— Não posso. A polícia disse para não desatracancar as portas até os drones da polícia ficarem com luz verde e os drones deles ainda nem chegaram...

— “Desatracancar”? Mas isso é português (...)?

— Sim, Dulce, é português (...).

— Não é português coisa nenhuma, porque eu tenho 76 anos e em 76 anos nunca ouvi tal palavra... Deve ser uma palavra nova que a tecnologia das novas portas tecnológicas trouxe... É que só pode!...

— Dulce não diga a sua idade muito alto... Sabe que eu não posso ter ninguém a trabalhar com a sua idade... Ainda me chamam de explorador da Grande Idade e o Sistema Perfeito manda-me para a prisão...

— Então, diga lá, ao Sistema Perfeito, que você está a pagar-me 7 mil de ordenado e que lá fora, os outros, estão a pagar 700 de ordenado e é os que ainda não têm robots-cozinheiros, porque agora, tudo o que é restaurante, tem robots por todo o lado... Vá... Diga lá, a esse Sistema Perfeito que antes de o mandar para a prisão, eu dou cabo dele... Era preciso o Sistema Perfeito passar por cima de mim e queria ver o Sistema Perfeito a passar por cima de mim... Queria ver, ó Antoine... Queria ver...

— Dulce, não diga muito alto o seu ordenado que, se o Fisco e o Direito Comercial Fiscal sonham, ainda me ficam com mais dinheiro e eu vou ter de baixar o seu ordenado...

— Ah, era o que mais faltava! Mas, o Antoine, acha que eu tenho medo do Fisco? Muito menos nesta casa, tenho medo de alguma coisa! Nesta casa, podemos falar o que quisermos, porque somos livres de algoritmos, graças ao menino Antoine, não é verdade, meu querido Antoinezinho? O meu querido Antoinezinho, devolveu-nos nesta casa a liberdade de expressão...

— Dulce, pode expressar o que quiser menos a sua idade e o seu ordenado, por favor... Temos muitos clientes...

— Mas é tudo clientes de boas almas!... É tudo clientes que foram à máquina!... É tudo clientes com boas cores de alma!... Então não são, menino Antoine? Não tiveram todos de ir à máquina? Ou afinal, a máquina que o menino Antoine inventou não serve para nada? (...) Ou (...) temos aqui intrusos no nosso clube? Vamos já buscar a máquina e vemos já quem são os intrusos que não estão aqui de corpo e alma!...

— Dulce! Eu não inventei máquina nenhuma, já lhe disse... Inventei um algoritmo... A máquina já existia, eu só inventei um algoritmo para inserir na máquina...

— Ó, menino Antoine... O menino Antoine é tão modesto!... É a mesma coisa... Se inventou o algoritmo, inventou a tecnologia, se inventou a tecnologia, inventou a máquina! O menino Antoine é uma máquina de fazer máquinas e algoritmos...

— Dulce, eu não inventei máquina nenhuma. (...)

— Ó, Antoine!... Claro que inventou...! Este clube é uma máquina! Uma máquina de fazer dinheiro... E foi o nosso Antoinezinho que a inventou... E então? Inventou ou não inventou

uma grande máquina?... Com portas *supertecnológicas* que até se desatravancam...

— Uma máquina de fazer dinheiro, mas que vai toda para o Sistema Perfeito... Nós nem 1 terço sequer vemos do dinheiro que fazemos, mas enfim...

— Mas eu vejo 7 mil... 7 mil cantam todos os meses no meu bolso...

— Dulce!!!

— Pronto... Vou fingir que recebo 700 e que tenho 55 anos, mas depois o menino Antoine é que vai ficar com má fama... Porque vão achar que só paga à cozinheira 700...

— É isso mesmo que eu quero que eles e o sistema achem... Que eu só pago 700 à minha cozinheira...

— Olhe, as luzinhas dos drones já não estão verdes?

— Estão, sim... Obrigado Dulce...

— Então, vá! Vá lá desatrarancar a porta que eu quero cumprimentar os seus professores e fazer perguntas a eles sobre si... Se você era bom aluno, se você ia às aulas todas, ou se você faltava às aulas para andar a namorar... Se você fazia cábulas... Vou perguntar tudo sobre si!!! Se você fazia muitas perguntas e estava atento...

— Dulce! A Dulce parece minha mãe...

(...)

— Olá, doutores! Obrigado por terem vindo tão rápido... Peço desculpa por terem ficado algum tempo à porta, mas a Polícia avisou-me que não deveria desatracar as portas até os drones ficarem com a luz verde... Por favor, entrem!

— Não tem problema, Antoine. Estivemos a trocar impressões sobre a hipótese, deste caso ter sido um eventual excesso de legítima defesa e num primeiro momento o juiz virtual afastar logo o regime da legítima defesa... Estava a contar ao doutor João, que acabei de perder um caso igualzinho ao seu e o meu cliente foi parar à prisão...

— Deixe-me adivinhar, professora Sónia... Ele tinha deixado de ir à igreja do Triângulo... O Sistema Perfeito não acha muita piada a empresários do Trapézio ou do Pentágono que derretem com laser ladrões armados do Triângulo...

— Vê, Sónia...? Eu disse-lhe! O nosso querido aluno Antoine continua com piada... Aqui a doutora Sónia esquece-se que você já é um miúdo crescido, (...) Custou muito derreter os gajos com o laser?

— Não, professor... A raiva de ser assaltado parece que ajuda a disparar. Estarmos sossegadinhos no nosso canto e aparecerem tipos destes armados, faz despertar os espíritos que há em nós e espiritualmente o nosso corpo dispara num aguçado mecanismo de sobrevivência espiritual...

— Você não tem câmaras no seu estabelecimento comercial, pois não?

— Não, professor...

(...)

— Eu lembro-me que o que dizia era que de nada valiam as câmaras numa mão armada... Que numa mão armada, o que valia era ter armas para se combater a mão armada... E eu vim aqui dar-lhe razão, como sua advogada...

— Muito obrigado, professora! Mas sim, continuo fiel aos meus algoritmos. Sempre defendi que as câmaras não serviam para nada, bastavam os assaltantes meterem um capuz e assaltarem o que quisessem ou matarem quem quisessem. O investimento que os proprietários deveriam fazer não era em câmaras, mas em portas blindadas, (...) para que não fossem assaltados e em armas (...) que derretessem as armas dos assaltantes...

(...)

— Ninguém morreu! Sabe o que é que fizeram à avó do seu pai? Só com uma pen copiaram todas as memórias, valores, emoções, algoritmos e descarregaram toda a informação do espírito dela para um android com a cara dela. Sabe o robot Bina-48? Faz parecer a avó do seu pai!

— A minha bisa-avó não parece nada o robot Bina-48, Dulce...

— Ah, parece, parece...! E quando o Direito mandou abrir a sucessão e chamou os herdeiros legítimos, o robot foi a tribunal e mandou fechar a sucessão e não deixou nenhum filho, nem nenhum neto tirar o que fosse da avó do seu pai. O robot protegeu toda a herança até hoje! A sua bisa-avó dentro do android deve estar com uns...

— Está com 156 anos. (...)

— (...) só se o seu pai tivesse casado com a Sarah e não com o Jakob é que a sua bis-avó daria alguma coisa ao seu pai. O robot da sua avó pertence ao Trapézio, porque nos últimos anos de vida da sua avó, por causa do Sistema Perfeito, a sua avó mudou de igreja. “Ontem” a sua avó pertencia a uma igreja que odiava todos os homens que se metessem na cama com outros homens. O seu pai nasceu e viveu no meio da fortuna, sem poder tocar nela. Puseram-lhe num processo tecnológico. Trancaram o seu pai. Trancaram o espírito do seu pai. E nesse processo tecnológico, os *Dons*, porque só podem ter sido os *Dons*, enviaram-lhe a chave tecnológica para ele poder abrir as portas e sair do processo. (...)

(...)

— (...) O Antoine acredita em espíritos?

— Não, Dulce...

— Não acredita?

— Não, Dulce...

— Mas acredita em *Dons* que eu já o ouvi a falar com o Thomas...

— Não acredito em *Dons* nem em espíritos, Dulce...

— Eu não sou o Sistema Perfeito, pode dizer-me a verdade...  
Acredita ou não acredita, Antoine?

— Dulce!... Já lhe disse que não acredito...

— (...) O seu pai chamou a Sarah. Eu queria ser como a Sarah. Ouvia os passos dela «toc, toc, toc, toc, toc» a bater no chão e a chegarem até mim, fazendo eco em toda a escadaria do meu “palácio mental”. Quem me deu o “palácio mental” foi o Jörg. A Sarah era “o robot” do seu pai. O seu pai não precisava de robots. Tinha a Sarah. (...) O seu pai era muito inteligente e já na altura percebeu tudo atempadamente e fez o que tinha a fazer. Fez aquilo que podia fazer. Ele só queria ser feliz e sentir-se livre e queria poder multiplicar essa felicidade e essa liberdade nos outros que ele visse que eram como ele, que viam as mesmas coisas que ele. Era só isso. Foi só isso. Muitos não perceberam. O seu pai foi acusado de tudo e mais alguma coisa. Já sabe como funcionam as coisas, não sabe Antoine? Parece que ontem (...) não podíamos agradecer “a gregos e troianos” e hoje (...) ainda continuamos sem poder agradecer “a gregos e troianos”. Há uma Troia no mercado... E uma Grécia intelectual luta silenciosamente através da escrita com Troia. E nós herdámos essa luta. Estamos a assisti-la desde que nascemos. Foi esse o filme de realidade virtual aumentada que nos convidaram para ver. E o seu pai, sempre ao lado da Sarah, e sem os óculos de realidade virtual aumentada conseguiu, espiritualmente, (...) estar omnipresente e onisciente. A sua escrita testemunha a omnipresença e a omnisciência. Depois, com a sua nova Psicologia de Mercado, a Sarah projetava (...) fantásticos hologramas. (...) Nem todos os hologramas deviam ser projetados. O seu pai mandou fechar feixos de luz só com o Direito dele. Como mandou baixar drones, mandou fechar feixos de luz. Foram hologramas que o Direito do seu pai proibiu de encadear os humanos e os pirilampos. O seu pai gosta muito de pirilampos. Por causa dele, comecei a ver os pirilampos. E a Sarah, com a Psicologia dela, foi atrás do Direito do seu pai. Andaram



sempre atrás um do outro. Não há melhor amizade que esta! Não há melhor aliança que o Direito e a Psicologia! Eles tinham um Direito das Coisas. Tinham uma Psicologia das Coisas. O seu pai dizia que o Direito era Psicologia e que a Psicologia devia ser um direito! Ele dizia que havia o Direito da Psicologia. O seu pai dizia com cada coisa... Dizia uma coisa e depois já estava a dizer outra coisa, andava sempre a voar de um lado para o outro *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto. E a Sarah voava sempre com ele. Lá iam os dois. Eram espíritos cheios de vida. De uma beleza de espírito e de uma beleza de alma que se sentia com o andar deles sempre com o GPS em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. É claro que, o seu paizinho é como o Antoine e vai logo dizer que não tem nada o GPS posto em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Mas vocês esquecem-se que eu sou a cozinheira e oiço tudo. Sei muito bem que o seu pai e a Sarah tinham o GPS posto em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, por mais que sejam “do sistema” e vejam *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom com a tecnologia deles. Porque na tecnologia deles, sei muito bem que eles tinham um GPS posto no *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Um dia hackeei a localização do seu pai.

— O quê? A Dulce hackeou o meu pai?

— Shiuuuu! Eu sou a cozinheira! Tenho o direito de saber das coisas.

— Mas a Dulce disse que não sabia hackear...

— Não sei hackear caixilharias elétricas com microfones que nos ouvem a mandar baixar as persianas e ouvem também como dizemos que amamos os nossos namoraditos... Mas sei como hackear o GPS de qualquer telefone. Podem mentir-me as vezes que quiserem, que eu sei muito bem quando estão a mentir. Podem dizer que foram surfar (...) com Jakobs, quando eu sei muito bem que foram surfar com Sarahs para o mar gelado de Europa de *Jupiter* de Gabriel

Garibaldi. O Antoine acha que o seu pai também não o hackeou a si? É seu pai! Tem o direito de saber sobre as suas coisas e sobre as suas mentiras...

— Não, não tem. Tem de saber aquilo que eu quero que ele saiba. Aliás, foi o meu pai que inventou o Direito à Mentira. Não percebo esses vossos direitos...

— O Antoine não percebe, porque não tem filhos.

— A Dulce também não tem filhos...

— O Antoine é como se fosse meu filho!

— Ah!... Por isso é que também me hackeou?

— Sim... E quando hackeei a localização do seu pai, adivinhe onde é que ele estava? Estava em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. E sabe com quem? Com a Sarah. Sempre soube que eles eram *Dons*. Esses espíritos jovianos!... Esses viajantes do tempo inter-galáctico!... Eles tinham o GPS lá. Sabia que o seu pai vê os enxames de galáxias como vê os enxames de abelhas? Quem é que vê assim os enxames? Só os *Dons*. (...)

(...)

— No final do primeiro ano, o seu pai chamou-me à sala onde tinha assinado comigo o contrato de trabalho e rasgou-o à minha frente. Só me apetecia chorar. Não entendi. Não sabia o que tinha feito de errado. Aquilo não era o seu pai... Não podia ser o seu pai... Era impossível!... E o seu pai, logo com um grande sorriso, abraçou-me e

deu-me as boas-vindas como sócia de indústria (...) Agora eu participaria nos lucros da empresa. E isto era o seu pai. Era isto que era o seu pai. Fiquei mais um ano (...) e depois saí para ir estudar cozinha.

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

## ou **MB WAY 965108603**

Quando saí, tinha dinheiro para comprar a minha felicidade. A minha felicidade tinha um preço. E eu consegui pagar o preço da minha felicidade (...) Consegui pagar logo as propinas todas do curso de cozinha no primeiro dia em que fui (...) inscrever-me, apareci lá na escola a mandar um bruto estrilho num jipe cor-de-laranja (...), novinho em folha, sem ter de ser elétrico, porque tinha dinheiro para pôr gasolina sintética que era neutra em carbono; agora só há carros a hidrogénio...

— Não, Dulce... Ainda há muitos carros a gasolina sintética...

— Ah!... Pensava que o hidrogénio tivesse matado a gasolina...

— À gasolina sintética claro que não matou, porque a gasolina sintética, como a Dulce disse, é neutra em carbono... Não polui nada! Ela é produzida em laboratório...

— Pois, está bem... Mas eu pensava que o hidrogénio tinha retirado também a gasolina sintética do mercado... E eu no meu jipe descapotável cor-de-laranja mandava cá um estrilho sem poluir... Não poluía nada... Mandava estrilho sem poluir, veja lá...! (...)

(...)

— (...) A Jupiter Editions nasceu numa praia, (...) num teatro, (...) numa loja de surf, (...) numa prancha de surf, nasceu em tudo, menos numa livraria que era onde deveria ter nascido... Onde devia ter nascido, não nasceu... A Jupiter Editions nunca quis só ser uma editora. Quando nasceu, quis logo plantar árvores. Quando nasceu, quis

logo combater a fome. Só uma editora alienígena lá do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi é que nasce no mercado já a pensar em plantar árvores e em combater a fome e em imprimir casas e fantasias a 3D com micromateriais sustentáveis... (...)A Jupiter Editions nasceu a querer falar e dançar logo 12 línguas. E por isso falou. Dançou. Falou tudo o que tinha para falar quando tinha de falar. Depois calou-se para dançar. Nas discotecas é para se dançar, não é para se estar a falar. “If U Wanna Go To Jupiter U Gotta Dance”. Eu sei muito bem que o Antoine quer ir para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi com o Thomas... Vão à festa?

— Claro que vamos à festa “If U Wanna Go To Jupiter U Gotta Dance”.

— Então é bom que comecem a dançar, porque “Jupiter Wants To See U Dance”. Também vão à “Jupiter Wants To See U Dance”?

— Claro que vamos, Dulce. Vamos sempre todos os anos. “U Can’t Stop Dancing On Jupiter”, Dulce!

(...)

— Com muita pena minha, este ano vou ter de faltar...

— Vai faltar à “U Can’t Stop Dancing On Jupiter” de 2080, Dulce?

(...)

— (...) Estou a guardar as minhas jupits para ir a outro evento (...).

— Qual?

— Quero inscrever-me no Circuito de Bodyboard da Jupiter Editions com Oficina de Escrita... Do que é que se está a rir? Está-se a rir por eu só aos 76 anos querer iniciar o bodyboard?

— Claro que não, Dulce! Que disparate!

— Então, estava-se a rir do quê? Sabe a tia Miren? A tia Miren iniciou o bodyboard aos 76 anos. E sabe quantos anos tem agora a tia Miren?

— Eu não me estou a rir disso, Dulce! A tia Miren tem 136 anos e está sempre a apanhar ondas na praia (...).

— Oh! Isso sei eu que a tia está sempre (...) a apanhar ondas. A tia não sai, nem por nada, lá das ondas (...) Ninguém a tira de lá! (...)

Sabe que foi na Praia dos Bodyboarders que o seu pai conheceu a tia Miren? Surfaram juntos lá... Pois se eles surfaram lá, é para lá onde eu também vou surfar no Circuito de Bodyboard da Jupiter Editions com Oficina de Escrita. Eu depois vou mostrar-lhe o que é que escrevi sobre as ondas. Vai ver se a Jupiter Editions não vai publicar um livro meu... Vai ver!

— Não sabia que queria publicar um livro... Muito menos imaginava-a a publicar um livro sobre bodyboard...

— Ah!... Mas vá me imaginando... Vá me imaginando de prancha na mão a desfilhar pela praia (...) Só a desfilhar nas ondas... Vá me imaginado... Está a imaginar-me ou quê? Olhe que eu estou mesmo a imaginar-me...

— Estou mais a imaginá-la a dançar na “U Can’t Stop Dancing On Jupiter”... (...)

(...)

— Pronto! Vamos dançar! Já me convenceu! Vou mostrar-lhe como é que se dança o rock germânico do meu Jörg... Vamos dançar rock norueguês, vamos dançar rock holandês, vamos dançar rock dinamarquês, vamos dançar rock finlandês, vamos dançar rock sueco...

— Ui!... Rock sueco já é muito hardcore para mim... Não a posso acompanhar no glam hard rock sueco...

— Porquê? Não é punk rock...

— Sim... O glam hard rock sueco não é punk rock, mas para mim é como se fosse e isso para mim já não dá para dançar...

— Não está a falar mal da Suécia, pois não?

— Eu, Dulce? Nem sequer estou a falar mal do glam hard rock. Só estou a dizer que não é para mim. Não tenho pedalada para esse rock. Mas tenho para outros. Tenho pedalada para o rock norueguês.

— O Antoine tem pedalada para o black metal, para o gothic metal e para o death metal da Noruega e não tem para o glam hard rock sueco?

— Não é desse rock que eu estou a falar, Dulce... A Dulce vai logo para o mais hardcore, para o mais dark... A Noruega não é só black metal, gothic metal ou death metal. Quando digo que tenho pedalada para o rock norueguês é para Kakkaddafakka, Sløtface, Kings of Convenience...

— Oh! Para esses todos temos pedalada... Isso não é rock... Isso é indie rock...

— Pois, eu gosto é de indie rock...(...)

(...) A última vez (...) passou um rock australiano-germânico muito fixe! Era Angus & Julia Stones com Tame Impala num rock australiano de um lado e era do outro Giant Rooks e Bukahara num indie germânico... Ainda me lembro que quem abriu a pista foi o Let It Happen da Tame Impala...

— Ah! E sabe quem é que foi o DJ que fez esse mix e esse remix? Foi o meu Jörg (...)

— Ah!... Não sabia... Não reparei no DJ... Só sei que tive a noite toda a dançar com o Thomas sem parar... (...) Os meus alunos, por acaso, estão sempre lá batidos...

— Está a ver? É para putos... (...)

— Dulce! Os meus alunos são universitários...

— Fica mal... Não fica bem professores a irem dançar à mesma discoteca em que vão os alunos...

— Fica mal, porquê? Só se for na sua cabeça! Acho isso tão giro...

— Acha giro? Acha giro depois os comilanços entre os alunos e os professores, é?

— Ó, Dulce! Isso não existe! Muito menos, na Escola Universal do Direito.

— No meu tempo vi muitos comilanços desses.

— No seu tempo, quando Dulce?



— Em 2022 e 2023 e 2024...

— Dulce! Estamos em 2080...

(...)

— (...) Falaram mal da Suécia... Mas depois foram todos imitar a Suécia a dançar. Depois, já queriam todos ir dançar com a Suécia. A Suécia nunca parou de dançar. Sabe que falaram muito mal da Suécia, só porque nunca parou de dançar?

— Dulce, eu não sei do que é que está a falar...

— Do vírus tecnológico... O vírus infetou todos menos a Suécia, que não parou de dançar... Nenhum vírus tecnológico fez parar a dança tecnológica da Suécia...

— Não sei de vírus nenhum...

— Do vírus tecnológico de 2020...

— Estamos em 2080, Dulce...

— Pois, estamos... E já perguntou como é que viemos aqui parar? Foi por causa do vírus tecnológico...

— Ah, foi?...

— Foi, foi... Não acredita?

— Não estou a ver como, Dulce...

— Ah, não está? Não está, porque nem se apercebeu que atravessou uma ponte...

— Uma ponte, Dulce?

— Sim... Uma ponte tecnológica. O seu pai nunca lhe falou da ponte tecnológica que todos nós atravessámos *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto?

— Dulce... Talvez tenha falado, qualquer coisa, não sei...

— 2020 é o ano que vem antes de 2080. Sabia?

— E eu que pensava que era 2079...

— Há uma ponte tecnológica que liga 2020 a 2080.

— Ai, sim? E qual é a ponte? Gostava de voltar a 2020, mas depois regressar a 2080. De volta à minha realidade...

\*\*

# Segunda-feira, 8 de abril de 2080

— Bom dia a todos meus caros e queridos alunos! Espero que tenham tido um fim-de-semana excelente! Tivemos muito calor... Espero que tenham agarrado nos vossos namorados ou amigos e tenham ido à praia. Eu agarrei no meu namorado e fomos à praia surfar.

— Professor! Porque é que o professor traz a prancha de surf para a sala de aula e não a deixa na Grande Ala ou na Ala Maior da faculdade?

— Porque a minha *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari nesta Era de chips e de Internet das Coisas não quer ter de pensar que um chip colado à minha prancha me possa fazer voar, quando quero é surfar, Catharina...

— Mas todos os surfistas andam a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto... Porque é que o professor não tem uma prancha semi-automática ou uma prancha automática? Todos têm!

— Na minha praia, nenhum surfista tem pranchas tecnológicas dessas. Aliás, a minha praia tem o costume de proibir qualquer prancha tecnológica de entrar no mar. O mar é sagrado. As ondas são sagradas.

Não vale apanhar as ondas com batota. Essas pranchas que o mercado inventou foram uma batota. Na minha praia, todos os surfistas protegem as ondas dos batoteiros. Os batoteiros não podem entrar na nossa praia. Na nossa praia não se surfa com óculos de realidade virtual aumentada nem se “adicionam” filtros à paisagem.

— O professor, é o único professor da Escola Universal do Direito que eu vejo a defender o Direito às Ondas dos surfistas, sempre de prancha na mão.

— Desde que veio a moda de surfar as ondas com um drone por cima e a moda de surfar com óculos de realidade virtual aumentada, que há muito que ando a lutar pelos direitos dos surfistas em poder surfar nas ondas que sempre surfaram sem estas tecnologias por perto a emitir energias, que estragam a energia das ondas, do mar e do espírito. Tive de comprar o silêncio da praia, para eu e outros surfistas podermos surfar tranquilamente... (...) Não quero ninguém a tirar notas disto! Quem é que está a tirar notas?

— Professor... Eu estava só...

— Estou a brincar, Arthur... Podem tirar notas à vontade... Eu já registei a minha história. (...) Também não vos posso dizer qual é a praia a que eu vou com o meu namorado, porque não tem nome, nem aparece no GPS e como eu sei que vocês gostam muito de serem escravos dos satélites e ajudarem os satélites a satelitizarem tudo, que eu percebo, que vocês gostam muito da economia e do turismo e tal, não vos digo porque não quero ver a praia que eu vou com o meu namorado, de repente, toda comercial, a aparecer em tudo o que é redes sociais, toda cheia de lixo, toda cheia de drones, toda cheia de ruído e confusão. Aquela praia é um sossego. E tem uma regra. Uma regra de ouro. (...) quem vai aquela praia vê ouro nela. E nós não podemos mostrar o ouro aos algoritmos. Se mostramos aos algoritmos, eles vão

logo a correr contar tudo aos satélites, é o algoritmo deles, é a tecnologia deles, coitados... E os satélites metem-nos num triângulo, prendem-nos num triângulo. E depois é drones metidos com o GPS em nós e na nossa praia e o sossego e paz transformam-se num caos (...). E quem vai aquela praia é amante do sossego e da paz. Ama o sossego. Ama a paz. (...)

(...)

(...)Para quem não foi à praia, espero que tenham aproveitado os nossos jardins, ou tenham ido passear pela cidade e não tenham ficado em casa a estudar Direitos de Autor e Intelectuais que ninguém merece com toda esta vida à nossa volta! Porque a cadeira de Direitos de Autor e Intelectuais, como vos tenho dito, aprende-se é a mergulhar na praia, a bater grandes sestras ao sol, seja na praia, seja no jardim, seja no terraço, de tronco nu e descalço, despegado de qualquer tecnologia. Não vale é ir para os jardins ou para a praia com os telefones nem com os headphones, senão não aprendem nada nem do vosso espírito, nem da vossa autoria, nem da vossa intelectualidade. Como sabem, esta nossa cadeira de Direitos de Autor e Intelectuais é a cadeira mais espiritual desta nossa Escola Universal do Direito. Não há cadeira mais espiritual do que esta! E por isso, esta cadeira faz-se é com o nosso espírito. É preciso estarmos com o nosso espírito. Sabermos estar com o nosso espírito. Se soubermos, fazemos a cadeira de Direitos de Autor e Intelectuais com 20 valores. Ficámos em que caso?

— Vamos agora para o caso número 9.

— Já começámos a resolver alguma coisa do caso número 9?

— Ainda não.

— Mas acabámos o caso número 8?

— Sim.

— Não ficou nada para fazer do caso número 8?

— Não.

— E há dúvidas do caso número 8, antes de passarmos para o caso número 9?

— Professor, eu não percebi muito bem como é que numa cedência legal de dados pessoais, isso pode violar os meus direitos de autor e intelectuais...

— No nosso caso, o que é que afinal aconteceu? Tínhamos o Bento que queria entrar num café. Para ele entrar nesse estabelecimento comercial, teve que, à entrada do café, assinar eletronicamente num tablet, do café, uma declaração virtual em como aceitava que aquele estabelecimento processasse os seus dados. Assinou também uma segunda declaração virtual em como aceitava que aquele estabelecimento cedesse os dados a uma empresa que fazia o tratamento dos seus dados, para fins “lícitos” comerciais. Ora, o nosso Bento lá se sentou numa mesinha da esplanada tirou o seu caderno de desenhos e a câmara que estava por cima dele processou os seus 5 desenhos que ele já trazia no caderno e processou, (...) o novo desenho que viu o Bento a fazer do princípio ao final. Este estabelecimento comercial, o café, cedeu as imagens que processou, dos desenhos de Bento e de Bento a desenhar, a uma outra empresa. Essa outra empresa, que faz o tratamento dos dados para fins comerciais, tornou os desenhos de Bento comerciais, imprimindo-os e pondo-os a circular no comércio. Se a Catharina se pusesse no lugar do Bento e visse os seus desenhos no comércio, desta maneira, não se sentiria violada nos seus direitos de autor e intelectuais?

— Sim...

— Foi tal e qual como o nosso Bento do nosso caso prático se sentiu.

— Mas a verdade, é que foi o próprio Bento que não protegeu os seus direitos de autor e intelectuais, (...) e já que Bento autorizou que os seus dados fossem processados e legalmente tratados, a empresa que tinha a posse legal dos dados de Bento simplesmente resolveu “tratá-los”, aproveitando-se deles. Já que Bento não quis pôr os desenhos dele no comércio, a empresa responsável pelo seu tratamento de dados pôs. E chamando-se à colação a Lei de Lavoisier “na Natureza nada se perde, tudo se transforma”, se tudo se pode transformar e nada se deverá desperdiçar, a empresa que “imprimiu” os desenhos de Bento e os trouxe do papel para a nossa realidade comercial, fez aquilo que a própria lei natural económica pede.

— (...) É a sua argumentação e infelizmente é uma argumentação cada vez mais popular no nosso Direito Comercial Tecnológico... Essa foi a argumentação que eu previ, mas que julguei que não tivesse acolhimento nenhum no nosso ordenamento jurídico. Mas hoje é a que mais vigora no nosso ordenamento jurídico, e por isso, é a que é perfilhada pelo Sistema Perfeito. Mudou então de opinião, Catharina? Já não se sentiria violada nos seus direitos de autor e intelectuais?

— Pensando bem e tendo em conta que Bento assinou um contrato no qual expressamente e inequivocamente declarou em como autorizava que os seus dados fossem processados e tratados, englobando isso uma natural cedência de dados da empresa que processou os dados de Bento para a empresa que tratou os dados de Bento, eu não vejo como pudesse ter havido uma violação dos direitos de autor e intelectuais.

— Não se sentiria violada nos seus direitos de autor e intelectuais, Catharina? Esqueça o Bento! Vamos esquecer o Bento! Um dos exercícios que eu vos peço sempre para fazerem nos casos práticos que eu vos dou, é tentarem ser o máximo solidários e empáticos com o lesado. Sentirem-se na pele do lesado. Imaginem o caso, como se o caso tivesse sido convosco. Neste caso, onde veem Bento têm de se ver a vocês próprios. Podem não desenhar, mas imaginem que desenham. Chamem a realidade mais próxima de vocês, mais imediata, mais parecida convosco para conseguirem experimentar no caso o vosso empirismo. Para oferecerem ao caso e ao Direito o vosso empirismo. Podem não desenhar, mas podem cantar ou compor músicas. Imaginem este caso, (...) ser por causa de uma música vossa, que vocês compuseram no café e passado 3 dias sai um *single* daquilo que vocês compuseram, porque o microfone da câmara processou a vossa intelectualidade, a vossa música, a música que saiu de vocês, da vossa alma, que vos pertence e cedeu a gravação a uma outra empresa que tratou a vossa música, levou-a a um estúdio, gravou-a, registou-a e vendeu-a a um cantor muito popular que agora anda a cantar a vossa música e a partir corações com a vossa música... Catharina? Sentir-se-ia ou não violada nos seus direitos de autor e intelectuais?

— Acho que não...

— Acha que não?... É a sua resposta final?

— Acho que sim. Primeiro eu nunca entraria num café desses que me obrigasse a celebrar um contrato para que os meus dados fossem processados ou tratados. E mesmo que eu tivesse assinado um contrato desses eu nunca iria tirar o meu caderno de desenhos à frente de uma câmara e mostrar os meus desenhos a quem estivesse por detrás da câmara.



— Mas se o tivesse feito e depois visse os seus desenhos à venda numa esquina?... Não se sentiria lesada, Catharina?

— Se eu celebrei um contrato, professor...

— Já percebi o seu lado Catharina...

— Como vos disse, este lado que a nossa querida Catharina prefere tomar é o lado do Sistema Perfeito e por isso, é o lado juridicamente mais “legal” possível. Se vocês fossem advogados da empresa, tanto do café que processou os desenhos, ou depois da outra empresa que tratou os desenhos, a vossa probabilidade de ganharem o caso seria grande. Mas este não é o lado que eu gosto! Alguém sabe porquê?

— Porque desde logo, o professor não considera os direitos de autor e intelectuais como um dado.

— Muito bem, Marcos! É isso mesmo. Para mim, os direitos de autor e intelectuais não são dados processáveis ou tratáveis que não pelo seu próprio autor que é o único proprietário legítimo dos seus direitos intelectuais, (...) Ora, a única forma atualmente de poderem refutar a argumentação da Catharina com sucesso no tribunal, é por aqui... Têm de invocar isto: que os direitos de autor e intelectuais não são dados processáveis ou tratáveis que não pelo seu próprio autor que é o único proprietário legítimo dos seus direitos intelectuais. Isto está no meu manual, (...). Há uma outra série de argumentos que depois podemos usar em conjugação, mas este argumento jurídico é a portagem para o outro lado da ponte do Direito. Eu, juiz, (...) só posso não decidir o caso a favor das empresas, neste tipo de casos, quando o advogado do particular, seja ele um advogado-robot ou um assistente virtual ou um advogado de carne e osso invocar “que os direitos de autor e intelectuais não são dados processáveis ou tratáveis que não

pelo seu próprio autor que é o único proprietário legítimo dos seus direitos intelectuais”. Porque se não invocar o que é que acontece?

— O algoritmo sugere ao juiz que decida o caso a favor da empresa, não considerando nenhuma violação do direito de autor e intelectuais nem com o processamento, nem com a cedência nem com o tratamento dos dados pessoais.

— Muito bem, Jorge! E pergunto-lhe eu, o algoritmo sugere ou ordena?

— Na expressão do professor, “ordena”...

— Porquê?

— Porque se o juiz não acatar com a recomendação do algoritmo terá de responder no Conselho dos Algoritmos dos Juízes.

— Muito bem, Jorge! Esse “ter de responder” é um ter que inventar uma boa desculpa para fundamentar o porquê de não ter seguido a instrução do algoritmo, ficando sujeito a um processo disciplinar e baixando a pontuação no *profile* do *site* dos juízes que é público, mal reputando o juiz perante toda a sociedade de informação tecnológica. É por isso que há quem diga que nós, juízes, somos robots, somos meros fantoches da lei, que só ali estamos para puxar a alavanca.

— Professor, mas essas pontuações e esses sistemas de pontuação, assim públicos dessa maneira, são legais?

— Como sabem, eu sou completamente contra os sistemas de pontuação sejam eles públicos ou internos. A pontuação dos trabalhadores é atentatória da dignidade humana. Ninguém tem de nos pontuar. Não temos de estar numa constante pontuação. Os sistemas de pontuação só tornam os trabalhadores competitivos e mesquinhos

entre eles, degradando o ambiente laboral e empresário, só stressam, só deprimem e põem em crise a saúde mental e a felicidade no trabalho que depois reflete na vida pessoal de cada um dos trabalhadores fora do trabalho, refletindo-se nas suas relações sociais e familiares. Há uma clara associação e interferência entre esses sistemas de pontuação e a qualidade de vida no casamento, no namoro e na família, que é a vida pessoal dos trabalhadores que têm de ser sujeitos a esses sistemas virtuais de pontuação. É um sistema imoral! É um sistema indigno! Que deveria desaparecer imediatamente do nosso sistema! Desde que esses sistemas de pontuação proliferaram, desde que o sistema deixou-os sobreviver e nada fez para os proibir quando sabia muito bem que os tinha de os proibir, porque eu já tinha trazido a Psicologia ao barulho, mas o Direito preferiu o zunzum da Economia, (...) fingindo (...) acreditar que esses sistemas de pontuação iriam era gerar mais produção e mais economia, porque iria criar uma nova competição saudável juntos dos trabalhadores fazendo-os produzir mais e melhor, quando a competição que se via não era saudável coisa nenhuma, mas doentia, indigna e imoral, o nosso índice de felicidade caiu a pique!!! Pior ainda ficou, como todos vocês sabem, quando as empresas começaram a querer permitir que fossem os próprios clientes a classificar os trabalhadores. Hoje, os sistemas de pontuação são livres e todos os trabalhadores podem opor-se, exceto algumas profissões de elevado relevo público em que as pontuações sejam feitas por conselhos especializados de disciplina, como é o caso dos juizes. Há mais alguma dúvida com que tenham ficado no caso número 8? Temos de avançar para o caso número 9...

— O professor tinha dito que havia uma série de argumentos que depois podíamos conjugar com a tese da impossibilidade dos direitos de autor e intelectuais serem comercialmente processáveis ou tratáveis...

— Sim, vou dar-vos um ou dois, depois os outros todos encontram no meu manual. Mas deixe-me só fazer-lhe um pequeno reparo Jaime. O Jaime disse “a tese da impossibilidade dos direitos de autor e intelectuais serem comercialmente processáveis ou tratáveis”... Não é esse o nome da tese. Temos de ser juridicamente rigorosos. O nome da tese é “da impossibilidade dos direitos de autor e intelectuais serem processáveis ou tratáveis”. Não tem lá o “comercialmente” como o Jaime adicionou. Porquê?

— Porque há dados que são processados ou tratados sem um fim comercial.

— Certo, Jorge! Percebeu, Jaime?

— Mais ou menos...

— Não está a ver assim, de repente, nenhum exemplo?

— Não estou a conseguir visualizar, assim, nada, de repente,...

— Pense no Sistema Perfeito. O Sistema Perfeito tem câmaras espalhadas por todo o lado. Algumas têm microfone. Imagine que está num jardim debaixo de uma macieira. O Jaime namora?

— Namoro...

— Tem namorado ou namorada?

— Namorado...

— O Jaime está com o seu namorado debaixo de uma macieira e caiem-lhe, de repente, 9 maçãs na cabeça que estavam chipadas e que foram telecomandadas a partir do telefone do anormal que tem um fraquinho pelo seu namorado. O Jaime olha para as maçãs e sem ver o

chip que tinha sido posto nas maçãs e sem ver a Internet das Coisas transforma-se num novo Einstein e inventa uma nova teoria da relatividade, mas muito mais divertida e tecnológica... “Assim” uma “espécie” de *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, está a ver? (...)

(...)

**Para continuar a ver o demo desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) vá à subpágina do autor Antoine Canary-Wharf e clique nos botões dos vários demos.**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

Este demo foi publicado pela 1ª vez pela Jupiter Editions em  
[www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) no dia 15 de maio de 2021 e  
republicado na nova versão no dia 2 de setembro de 2021.